

CHARGES DO JORNAL DE BRASÍLIA: PERSPECTIVAS IDEOLÓGICAS SOBRE A COPA 2014

Jorge Fábio Godóes Pereira (PG-UEMS)
José Antonio de Souza (UEMS)

RESUMO: Os enunciados das charges possuem sempre um tom irônico e humorado para prender a atenção dos leitores. As charges são textos críticos que exigem uma compreensão mínima sobre a realidade política, econômica e social em uma dada época e que quase sempre fazem uma sátira sobre acontecimentos políticos e sociais, procurando desqualificar, ironizar, ou lançar um olhar crítico sobre tais acontecimentos. O estudo apresentado contempla a análise de charges do jornal eletrônico, Jornal de Brasília, procurando captar a perspectiva ideológica das charges com a temática Copa do Mundo FIFA 2014, principalmente no período pré-copa pelo referido veículo de comunicação, visto que circulava no Brasil um discurso pró e outro contra a realização desse evento no país. O discurso a favor da realização da copa apontava os benefícios para o país, tais como a receita trazida pelos turistas e as obras de mobilidade urbana; já o contra questionava sobre o legado que ficaria para a população brasileira e se as obras realmente ficariam prontas a tempo, apontando os atrasos como um possível motivo de vergonha para a nação caso as obras não ficassem prontas. Utilizando as charges como mecanismo de compreensão de uma realidade social e ancorado em uma perspectiva sociointeracionista do discurso, que estuda o discurso como produto de interação social, procurou-se trazer à tona quais eram os principais discursos que circulavam com relação à realização da Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil e qual era o posicionamento do veículo de comunicação no qual o material foi colhido.

Palavras-chave: Discurso. Charge. Ideologia.

INTRODUÇÃO

Todo ser humano sente a necessidade de se comunicar e, quanto mais fácil pareça, quanto mais econômico e aparentemente inteligível for o ato comunicacional, maiores serão as chances dos interlocutores se aproximarem e estabelecerem uma relação discursiva. Sendo assim, as charges tem se mostrado um gênero do discurso muito atraente a ser analisado.

Não é a intenção deste artigo trazer concepções sobre gêneros do discurso, ou empreender uma longa exposição teórica que contemple as questões discursivas, pois demandaria um estudo mais profundo e de maior fôlego. Poderíamos seguir vários vieses, tais como seus aspectos intertextuais, seu caráter polissêmico, entre outros, mas preferimos nos ater apenas na importância, em características essenciais e na grande aptidão ideológica e

interacionista das charges e, a partir de então, analisá-las embasados em uma teoria interacionista do discurso, uma vez que as charges só podem ser compreendidas sob essa concepção do discurso, pois caso contrário, a análise e compreensão se limitariam em destacar elementos puramente lingüísticos, limitando, de certa forma, os aspectos abordados e ancorados por uma teoria do discurso.

Partindo de uma compreensão histórica das teorias linguísticas veiculadas no Brasil, podemos perceber que uma importância maior aos gêneros do discurso só foi dada no final da década de 1970, pois como afirma Machado 2009 (apud Goulart 2010, p. 2) entre as décadas de 1960 e 1970 emergiam estudos que percebiam a língua como atividade sócio-interativa, o que se refletiu, por exemplo, nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Pensando nisso, o presente artigo tem a intenção de analisar charges veiculadas antes da realização da Copa do Mundo FIFA de 2014, ocorrida no Brasil, com o intuito de observar a perspectiva ideológica veiculada por tais charges.

Para tanto, foram selecionadas 5 charges difundidas pelo jornal eletrônico Jornal de Brasília, no sítio da internet www.jornaldebrasilia.com.br/ultimas/charges/ ; em nosso percurso analítico, procuraremos observar as perspectivas ideológicas das charges escolhidas.

Para analisarmos as charges em questão, se faz necessário entendermos o que é uma charge, algumas características importantes e sua atuação como gênero discursivo para posteriormente adentrarmos nas questões referentes à ideologia e interação.

CHARGE: ideologia e interação

As charges são textos verbais e não verbais que se apoiam em imagens e que ocupam papel de destaque nos jornais localizando-se, principalmente quando se trata de jornais impressos, nas mesmas páginas que se encontram os editoriais e textos sobre política.

Os enunciados das charges possuem sempre um tom irônico e humorado para prender a atenção dos leitores. Sempre é bom lembrar que embora pareçam engraçadas, as charges são textos críticos que exigem uma compreensão mínima sobre a realidade política, econômica e social em uma dada época e que quase sempre fazem uma sátira sobre acontecimentos

políticos e sociais, procurando desqualificar, ironizar, ou lançar um olhar crítico sobre tais acontecimentos.

Nesse sentido, vale ressaltar que a ironia para Maingueneau (2002, p.173) seria a subversão que enunciador faz em cima de sua própria enunciação, e ao desqualificar sua própria enunciação, o enunciador, ao contrário do que se possa ingenuamente imaginar, valoriza-a. Em outras palavras, a enunciação irônica para Maingueneau tem a capacidade de desqualificar a si mesma no mesmo instante em que é proferida.

Na verdade, assim, o que as charges fazem é basicamente utilizar o recurso da ironia se aproveitando de elementos gráficos, que chamam a atenção do leitor/interlocutor, para veicular determinada ideologia, geralmente de oposicionismo político, ou que contenha uma crítica social e política.

Quando nos dispomos a analisar charges, devemos levar em consideração os aspectos discursivos que nelas aparecem, além de algumas características específicas. As charges em questão são charges de um jornal eletrônico e, portanto, diferentes das charges dos jornais impressos. Diferentes não no que diz respeito a sua funcionalidade, mas sim em sua apresentação e em seu modo de interação.

Ressaltamos essa diferença visto que Maingueneau (2002, p. 68) assevera que “uma modificação do suporte material de um texto modifica radicalmente um gênero do discurso” e, sendo assim, a apresentação de uma charge em um jornal eletrônico é para um público diferente do jornal impresso e por isso necessita de características específicas, distintas dos jornais impressos, para propiciar uma interação mais eficiente entre seus interlocutores; assim, a alteração do suporte modifica, como já salientado, o gênero.

As charges em jornais eletrônicos podem ser melhores elaboradas, no que diz respeito ao trabalho gráfico, especialmente em função dos recursos tecnológicos disponíveis; e mais chamativas, portanto mais atraentes e talvez, hoje, com os novos meios de comunicação, mais acessíveis à grande parcela da população.

Antes de passarmos adiante vale a pena lembrar que “todo texto pertence a uma categoria de discurso, a um gênero discursivo” e que a “denominação

desses gêneros se apoiam em critérios muito heterogêneos" (MAINGUENAU, 2002, p. 59); e por esse motivo é comum a confusão que se faz entre charge e cartum. A esse respeito Cavalcanti (2008, p. 37) enfatiza que

A charge transmite informações que envolvem fatos e é, ao mesmo tempo, um texto crítico. É a representação gráfica de um assunto conhecido dos leitores segundo a visão crítica do desenhista ou do jornal. Quanto à forma, a charge representa figuras existentes no mundo real. Assim, caricaturas e símbolos são utilizados e não desenhos lúdicos, fantasiosos. É necessário ter detalhes que forneçam dados suficientes para a compreensão do leitor, tais como a caracterização do ambiente e as marcas simbolizando o tema.

Enquanto o cartum, para a mesma autora, é uma anedota gráfica, não insere personagens reais ou fatos verídicos, entra no meio fantasioso e é mais atemporal que a charge.

Quando Cavalcanti assegura que as charges não são desenhos lúdicos nem fantasiosos e que se faz necessário que o leitor (interlocutor) tenha detalhes (exteriores) para a compreensão, somos remetidos de imediato ao conceito de produto ideológico trazido por Bakhtin (2010, p. 29), uma vez que o autor considera que "tudo que é ideológico possui um significado e remete algo fora de si mesmo e [...] tudo que é ideológico é um signo".

Podemos, então, considerar que as charges podem funcionar perfeitamente como um produto ideológico e, portanto, como um signo, pois remetem a algo fora de si mesmo, refrata e reflete uma realidade e por isso concebemos as charges como potenciais construtoras de sentidos e grandes veiculadoras de ideologia.

Ao considerarmos que as charges podem funcionar como signos, devemos observar que elas adquirem sentidos que ultrapassam suas particularidades, que refletem e refratam uma realidade e, portanto, teremos que entender que as charges, assim como qualquer signo, "podem distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico" (BAKHTIN, 2010, p. 30); e talvez seja aí onde resida seu ponto nevrálgico, uma vez que precisamos considerar como essa realidade é apresentada ao seu leitor/interlocutor, pois temos de um lado o chargista que representa a ideologia de um determinado grupo, que seu jornal também defende, e do "outro lado da ponte" temos os leitores/interlocutores que, por sua vez,

acatam ou refutam as informações veiculadas nas charges, baseados em seus conhecimentos, participando ou não no processo de interação.

Objeto privilegiado no gênero charges, não poderíamos deixar de destacar o caráter ideológico que permeia tal gênero, mas queremos evidenciar também o processo de interação, pois “os signos só podem aparecer em um terreno *interindividual*” (BAKHTIN, 2010, p. 33) e este é um aspecto essencial que pretendíamos salientar, ou seja, a estreita relação existente, no gênero charge, entre ideologia e interação. Para Bakhtin a cadeia ideológica está ligada de consciência individual em consciência individual e cada consciência individual está repleta de signose; o autor ainda esclarece em um nível mais profundo de raciocínio, que a consciência só se torna realmente consciência na interação social, o que por sua vez nos leva acreditar que só se materializa na interação verbal.

Se as charges transmitem informações que envolvem fatos e são a representação de um assunto já conhecido, fica evidente o caráter interacionista que as charges trazem consigo, pois é preciso que o leitor (interlocutor) mobilize seus conhecimentos da realidade circundante, para a partir daí, da exterioridade, compreender e interagir com o enunciado veiculado pela charge.

Apoiados em uma concepção bakhtiniana que concebe a linguagem como um processo de interação, que ocorre entre pelo menos dois indivíduos, direcionamos o presente trabalho de modo que compreender a linguagem em um processo interacionista significa refutar a linguagem em uma abordagem estruturalista, ou seja, significa romper com uma teoria que percebe a língua como uma estrutura fechada em um sistema de regras e partir para uma teoria que aceita a língua enquanto um processo de interação, como fenômeno histórico e social.

Entender o funcionamento das charges numa visão interacionista significa ir além do sentido estritamente linguístico, é entender o enunciado e sua enunciação, observar suas condições de produção, ou seja, estabelecer uma relação social e histórica de produção, pois como afirma Bakhtin (2010, p. 116) “o contexto social imediato determina quais serão os ouvintes possíveis” e assim, quando as charges são produzidas, o chargista já tem em mente seu

auditório social e desse modo, já construiu suas deduções, suas motivações e suas apreciações sobre os fatos.

Faz-se necessário então, para uma boa compreensão das charges – e de enunciados de modo geral - como afirma Freitas (1998, p. 36), “ultrapassar uma descrição dos elementos meramente linguísticos e buscar também elementos extralinguísticos que, de um modo ou de outro, condicionam a interação verbal nos planos social, econômico, histórico e social”.

Sendo assim, vale ressaltar que o sentido de um enunciado, para uma teoria de interação sócio-discursiva, nunca será dado de imediato, temos que nos atentar para os implícitos, pois como assegura Maingueneau (2002, p. 32) “as leis dos discursos não são normas de uma conversação ideal”, o que nos leva a entender que o processo de interação precisa levar em conta os deslizamentos de sentidos e, com um esforço que será sempre negociado entre os interlocutores, estabelecer o sentido mais próximo do ideal para o enunciado produzido.

Por conseguinte, devemos lembrar que “as regras do jogo” - como Maingueneau pondera – precisam ser respeitadas, pois nem todas as características e sentidos a serem analisados em um enunciado trazido pelas charges nos serão dados de antemão, devemos inferir que os enunciados partem de uma realidade social, e uma vez que aceitamos as charges como enunciados não fantasiosos, precisaremos buscar muitos de seus sentidos em fatos sociais no momento de sua enunciação. De tal forma que se torna essencial que façamos, antes, um breve levantamento dos fatos para posteriormente verificarmos qual era a realidade que as charges buscavam demonstrar.

CHARGES, FATOS E PERSPECTIVAS

Havia em circulação no Brasil um discurso que considerava que a copa traria mais malefícios que benefícios, cerca de 49% da população, como apontava pesquisa **Datafolha** disponível em: <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2014/04/08/copa-do-mundo.pdf>.> e registrada no Tribunal Superior Eleitoral sob o número BR-00064/2014.

Verificamos então que metade da população, considerando a margem de erro, se mostrava contra a realização da copa, dizia-se que os aeroportos não suportariam a sobrecarga, o que era reforçado ainda mais pelas lembranças do “apagão aéreo” de 2011 em que os aeroportos não estavam suportando nem os passageiros que comumente utilizavam os terminais. Acreditava-se também que obras de mobilidade urbana não ficariam prontas e que estádios não seriam entregues dentro do prazo, principalmente o palco de abertura, a Arena Corinthians, que era uma das obras mais atrasadas.



charge 1 (21-05-2014 Jornal de Brasília) charge 2 (23-04-2014 Jornal de Brasília)
<http://www.jornaldebrasilia.com.br/ultimas/>
<http://www.jornaldebrasilia.com.br/ultimas/charges/8/>

Com o intuito de colocar em evidência a perspectiva ideológica e a capacidade de interação que o leitor/interlocutor necessita para compreender as charges, ressaltamos que nas charges 1 e 2 os elementos gráficos e textuais parecem não corresponder ao mesmo assunto, visto que na charge 1 os elementos gráficos e textuais nos remetem ao que parece ser um avião tentando aterrissar em um aeroporto inacabado ou acabado às pressas, e podemos fazer esta inferência por conta do elemento textual, “cuidado cimento fresco” - todos sabemos que quando o cimento está fresco

não é um bom momento para transitarmos por onde ele está espalhado; por sua vez, na charge 2 os elementos gráficos e textuais nos enviam à outra obra inacabada, a Arena Corinthians, que em nada nos remete à figura do avião charge 1. A obra em questão parece estar bem atrasada, pois podemos perceber que ao fundo visualizamos tijolos, que ainda não estão cobertos por reboco, poucos funcionários e dois guindastes, que são utilizados em uma obra, principalmente, para a parte mais pesada e que em nada combinam com a fase de acabamento.

A questão principal seria: como saber que as charges estão captando o mesmo tema? A resposta então seria muito simples, interagindo com as charges num processo que é histórico e social, além de observar a perspectiva ideológica veiculada, uma vez que devemos nos lembrar que na concepção bakhtiniana “a interação acontece entre os sujeitos no processo dialógico, no amplo sentido do termo *diálogo*, ou seja, na enunciação ou enunciações reais, na relação entre o “eu” e o “outro”, através da mediação do signo verbal ideológico.” Freitas (1998, p. 54); o que nos faz pensar que no bojo de uma teoria interacionista, e como já tratamos anteriormente, devemos olhar para exterioridade ou, caso o contrário, ficaríamos na primeira descrição que fizemos, ou seja, meramente pautada em elementos linguísticos.

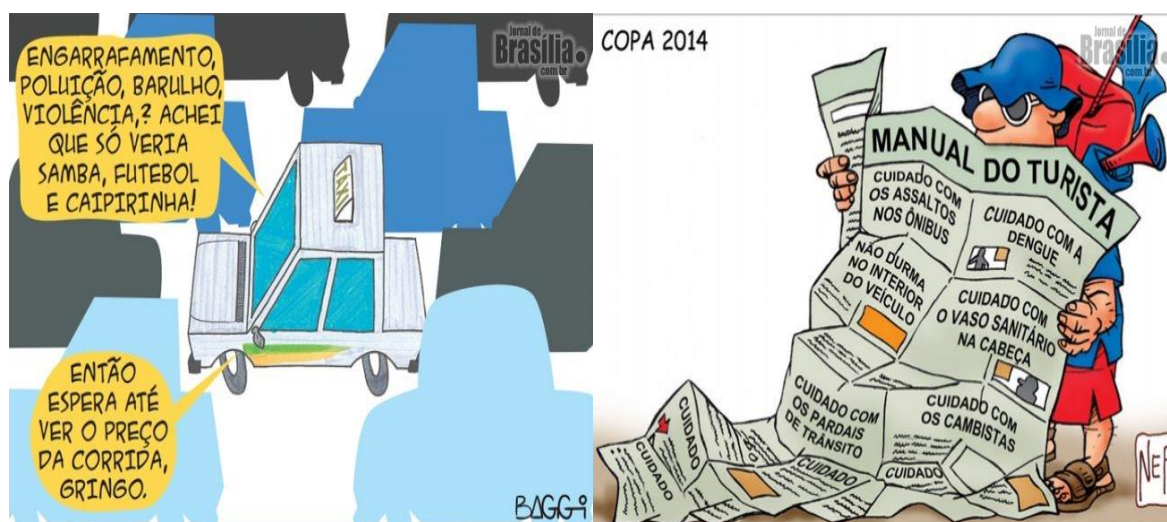
Inserindo as charges nos acontecimentos históricos e sociais, e daí advém parte da interação, verificaremos que há um discurso pessimista (ideológico) veiculado nas charges, um discurso que enfatiza a incapacidade de conclusão das obras, fato que o chargista procura enfatizar com a figura do homem com a taça de campeão na mão em frente ao estádio ainda em fase de construção. Tal perspectiva é reforçada pelo chargista na frase, “depressa a taça já chegou”, que evidencia a aflição de não se ter mais tempo hábil para conclusão, uma vez que a taça já estava prestes a adentrar no estádio. Podemos também nos apoiar nas datas em que as charges foram publicadas, ou seja, muito próximas à realização da copa, e verificar que os dois textos convergem ideologicamente no sentido de afirmar que obras muito importantes para a realização do evento não estariam prontas, e se ficassem totalmente prontas, seria somente na véspera da copa.

Após uma descrição histórica dos fatos e nos apropriando da estratégia da captação tratada por Maingueneau (2002, p. 173), em que um texto

procura imitar o outro seguindo a mesma direção e apropriar-se do valor pragmático do outro, é possível perceber a captação no sentido das charges seguirem a mesma direção pessimista instaurada no Brasil, bem como, a ideologia de contestação à realização da copa acreditando que as obras não ficariam prontas.

Sendo assim, somente é possível entender que tratam do mesmo assunto em uma concepção interacionista da linguagem, onde as palavras só adquirem significado na interação verbal, que por sua vez também é social.

Diante de um cenário tão pessimista, foi levanta também a questão da receptividade dos turistas, pois como não é segredo para ninguém, a imagem que os turistas tem do Brasil são, normalmente, duas: primeiro, a imagem de país violento e sem muito respeito às regras em que para tudo se dá o "jeitinho brasileiro", e depois a imagem do país em que as únicas coisas boas são o samba e o futebol.



Charge 3 (09-06-2014 Jornal de Brasília)
 Brasília) <http://www.jornaldebrasilia.com.br/ultimas/>
<http://www.jornaldebrasilia.com.br/ultimas/charges/6/>

Charge 4 (14-06-2014 Jornal de

Nas charges acima temos a ideia, na visão do chargista, de como seria a recepção dos estrangeiros. Na charge 3 podemos perceber que o chargista registra a frustração do turista, ao se deparar com os problemas corriqueiros de qualquer metrópole, e aqui ficam retratados o engarrafamento, a poluição, o barulho; e afinal de contas onde está a roda de samba, o futebol e a caipirinha?

A charge então procura colocar em destaque que o turista seria recebido à moda brasileira, mas dando ênfase ao lado mais negativo possível,

pois ao questionar onde estaria o samba, o futebol e a caipirinha, enfatiza-se que não foi visto nada disso, colocando em evidência os problemas mais representativos do Brasil no exterior, além de colocar o turista diante de um estereótipo de brasileiro trapaceiro, tentando evidenciar que durante a copa os serviços ficariam acima do preço normal, que o "jeitinho" brasileiro prevaleceria para levar vantagem da situação de vulnerabilidade em que possivelmente o turista se encontraria, ou seja, poucos meios de transporte, dificuldade em atribuir valor monetário aos serviços oferecidos por estar em outro país, além da dificuldade natural com a língua estrangeira.

Por sua vez, na charge 4 temos um turista com um manual de como fugir de situações esperadas durante sua estadia no país, tais como, assaltos em ônibus, cambistas tentando tirar proveito, além de situações que também são reclamadas pelos próprios brasileiros, como o perigo de contágio de dengue e a tão afamada "indústria da multa", em que figuram como personagens principais os radares de trânsito, que carinhosamente receberam o nome de pardais de trânsito.

Se na charge 3 o turista ficaria frustrado ao presenciar situações que poderiam ser desagradáveis ao chegar no país, na charge 4 se avigora a ideia de que tais situações realmente existem, tanto existem que até foi criado um manual para que o turista lidasse com elas.

Pelas datas das publicações das charges, ou seja, a poucos dias do início da copa no caso da charge 3, e um dia após a abertura da copa na charge 4, fica evidente um deslocamento do discurso, pois passando as primeiras previsões de que as obras não ficariam prontas a tempo, o discurso agora se desloca para a recepção dos turistas e organização das cidades que seriam sedes da copa, representando as dificuldades que os próprios brasileiros passam quando fazem turismo pelo Brasil, uma vez que na charge não fica caracterizado no personagem turista, sua fisionomia, estereótipo, feição, ou ainda algum uniforme de torcida que o represente, o que de certa forma nos traria pistas se o turista seria brasileiro ou estrangeiro, pois é preciso considerar o fato de que muitos brasileiros seriam também turistas nas cidades que sediariam os jogos da copa.

Uma das maiores preocupações veiculadas pelo grande parcela do povo brasileiro contrário à realização da copa em nosso país seria a de qual o

legado que a copa deixaria para o povo brasileiro, não seria positivo, pois o discurso dos contrários era de que o governo gastaria bilhões de reais nas construções dos estádios enquanto que obras de primeira necessidade para a população tais como, moradias populares, hospitais, escolas entre outras, ficariam de lado.



Charge5 (22-05-2014 Jornal de Brasília)
<http://www.jornaldebrasil.com.br/ultimas/charges/5/>

Considerando o aspecto pessimista alardeado por grande parte da população, o chargista reforça a ideia de que o único legado que ficaria para a população brasileira seriam os estádios, pois como se pode notar, na charge 5 visualizamos em um primeiro plano dois mendigos, e podemos fazer esta inferência uma vez que trazem características que se apropriam do estereótipo de mendigos tais como, pés descalços, barba e cabelo por fazer, além da moeda dentro de um recipiente que reforçam as características da mendicância.

Já em um segundo plano, reforçando ainda a ideia de que o único legado seria mesmo apenas os estádios, é possível visualizar um estádio ao fundo e, além disso, a própria condição de miserabilidade em que se encontram os dois homens, retratada na charge, marca um posicionamento de que a copa não trouxe benefício algum, uma vez que os mendigos

mudariam apenas o lugar de sua mendicância, avigorando a ideia de que a copa não traria benefícios para a população brasileira.

Ampliando o olhar para além da charge é possível vislumbrar uma crítica amarga com relação ao legado da copa, pois se pensarmos bem, é perfeitamente possível entender que os estádios se localizam em regiões metropolitanas, portanto distantes uns dos outros, são criados para oferecer, em princípio, apenas entretenimento e é acessível apenas a uma parcela da população residente nessas cidades e/ou àqueles que dispõem de dinheiro para acessá-los, asseverando mais uma vez sua perspectiva ideológica contrária à realização da copa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Freitas (1998, p. 39) “o signo ou a palavra, circula entre as estruturas sociais operando tanto no seu nível mais elementar, o da ideologia do cotidiano ou do senso comum, quanto no plano das ideologias já constituídas”, e sendo assim, somos levados a crer que o posicionamento das charges representava uma ideologia já constituída, uma vez que representava grande parcela da população.

Cabe ainda esclarecer que muitas foram as charges que circularam no período pré-copa e que traziam conteúdos ideológicos em desfavor da realização do evento; e diante dos fatos apresentados, podemos evidenciar que as charges acompanharam o discurso pessimista difundido por metade da população, onde ecoava uma perspectiva ideológica fortemente contrária à realização da copa.

Para elucidar o posicionamento das charges analisadas “devemos levar em consideração se os enunciados são verdadeiros, sérios e se realmente tem a intenção de comunicar algo que interesse àqueles a quem foi dirigido” (MAINGUENAU, 2002, p. 31) e nesse sentido, consideramos que as charges trouxeram e sempre trarão enunciados verdadeiros, a questão então seria observar em relação a qual perspectiva, pois a todo o momento, e por intermédio dos signos, são travadas batalhas ideológicas que tentam se prevalecer umas em relação às outras e como “sem signo não há ideologia” (BAKHTIN, 2010, p. 29), é na interação que as ideologias encontram morada, se deslocam ou se desfazem. A copa foi realizada; já houve avaliação positiva por parte de turistas estrangeiros; para nós, brasileiros, para além das duas

derrotas sofridas pela equipe brasileira de futebol – e que até hoje repercutem negativamente com os “gol da Alemanha” –, resta sabermos como será o “legado” deixado pela copa e qual perspectiva (positiva ou negativa) adotamos para essa espera.

Referências

BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochenov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. de Michel Lahud e Yara Fratische Vieira. São Paulo, SP: HUCITEC, 2010.

CAVALCANTI, Maria Clara Catanho. *Multimodalidade e argumentação na charge*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2008.

DATAFOLHA INSTITUTO DE PESQUISA, disponível em:
<<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2014/04/08/copa-do-mundo.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

FREITAS, Antônio Francisco R. de. *O diálogo em sala de aula: análise do discurso*. Curitiba, PR: HD Livros, 1998. Disponível em:
<<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2014/04/08/copa-do-mundo.pdf>>

GOULARTE, Raquel da Silva. *A contribuição do Interacionismo Sociodiscursivo para o ensino de língua portuguesa*. In: VI SEMINÁRIO DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - COMUNICAÇÕES DE PÓS-GRADUAÇÃO IV EDIÇÃO. Porto Alegre: UniRitter, 2010.

JORNAL DE BRASÍLIA, disponível em:<<http://www.jornaldebrasil.com.br/ultimas/charges>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza –e- Silva, Décio Rocha. São Paulo, SP: Cortez, 2002.